



Marcha das Mulheres Negras: uma das expressões da luta contra o racismo, violência, desigualdade social e de gênero no Brasil



Mulheres Negras em Marcha - Esses passos vêm de longe



Marcha das Mulheres Negras 2015



A MARCHA DAS MULHERES NEGRAS

contra o racismo, a violência e pelo bem viver: realizações, impactos e perspectivas

Caderno Sisterhood. Vol. 2, n. 1 (maio, 2017)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Grupo de Estudos e Pesquisas em
Gênero, Raça e Saúde – NEGRAS, 2017.

Semestral

ISSN: 2525-5533

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes.

Allows reproduction in published information, provided that sources are cited.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)

Reitor/ Rector Sílvio Luiz de Oliveira Soglia

Vice-Reitora/Vice-Rector Georgina Gonçalves dos Santos

EDITORES CIENTÍFICOS/SCIENTIFIC EDITORS

Denize de Almeida Ribeiro, Dra. (UFRB)

Emanuelle Freitas Goes, Mst. (ODARA – Instituto da Mulher Negra)

Liliane de Jesus Bittencourt, Dra. (UFRB)

Rosa Cândida Carneiro, Dra. (UFRB)

EDITORES EXECUTIVOS/EXECUTIVE EDITORS

Ana Maria Silva Oliveira, Esp. (UFRB)

Naiana de Carvalho Guimarães Oliveira, Me. (UFRB)

ENDEREÇO/ADDRESS

UFRB: Av. Carlos Amaral, 1015, Cajueiro, Santo Antônio de Jesus - BA, CEP:

44574- 490

Fone: 75 3241-6649

Website: www2.ufrb.edu.br/negrascgs

E-mail: negras.ufrb@gmail.com.br

COMPROMISSO

O Caderno Sisterhood, com periodicidade semestral, tem como compromisso incentivar e divulgar artigos científicos, resenhas, relatos de experiências, entrevistas e outras modalidades de produção que tenham como escopo a saúde da população negra e suas interfaces.

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Ana Maria Silva Oliveira

Naiana de Carvalho Guimarães Oliveira

ARTE GRÁFICA

Geraldo Pereira Neto

ENDEREÇO/ADDRESS

Avenida Carlos Amaral, 1015, Cajueiro, Santo Antônio de Jesus - BA, BRASIL - 44574-490

Fone: 75 3241-6649

Website: www2.ufrb.edu.br/negrascgs

E-mail: negras.ufrb@gmail.com.br

ÍNDICE

CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER É QUE MARCHAM AS
MULHERES NEGRAS

10

EU MARCHO, TU MARCHAS, ELAS MARCHAM. POR QUE MARCHAMOS?

23

MULHERES NEGRAS EM MARCHA: ESSES PASSOS VÊM DE LONGE

25

PARADAS DO ORGULHO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS

28

DEPOIMENTOS

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA E
PELO BEM VIVER - 2015

32

UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A MARCHA DAS VADIAS DE ITABUNA- BA

33

MARCHA DO ORGULHO CRESPO E MARCHA DAS MULHERES NEGRAS

36

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS 2015

39

EU A MARCHA

42

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS EM BRASÍLIA

45

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS: UMA DAS EXPRESSÕES DA LUTA
CONTRA O RACISMO, VIOLÊNCIA, DESIGUALDADE SOCIAL E DE GÊNERO NO
BRASIL

46

POESIAS

ESCURO

50

VAGANDO EM VERSO EU VIM

51

POESIA PRA QUEM?

53

FOTOGRAFIAS

55

NORMAS DE SUBMISSÃO

60

EDITORIAL

As mulheres sempre estiveram envolvidas nas lutas contra as opressões no mundo, no entanto, esse engajamento sempre foi invisibilizado, ou melhor falando, desvalorizado, colocando os homens como responsáveis das conquistas históricas relacionadas à diminuição das iniquidades. Em se tratando das mulheres negras, essa minimização de sua participação em fóruns e espaços importantes de lutas fica mais marcada, colocando-as como seres à margem dessas disputas ideológicas. Segundo Patrícia Hill Collins,

“Por muito tempo mulheres negras têm ocupado posições marginais em ambientes acadêmicos. Argumento que muitas intelectuais negras têm feito uso criativo de sua marginalidade, do seu status de outsider within, para produzir um pensamento feminista negro capaz de refletir um ponto de vista especial em relação ao “self”, à família e à sociedade”(2016, p.99)¹.

São diversos os nomes que integram essa confraria de mulheres poderosas, destemidas, que utilizavam e utilizam de diversas estratégias para defender uma sociedade mais justa e equânime. Desde Maria Felipa de Oliveira, passando por Carolina de Jesus, Nilma Lino Gomes, são vários os exemplos de mulheres gloriosas, mas desconhecidas por boa parte da sociedade. É por isso, que essa segunda edição do Caderno Sistehood vem homenagear uma dessas mulheres, à frente do seu tempo, forte nas suas concepções, engajada politicamente, que nos deixou em matéria no ano passado, mas continua conosco como ser de luz, brilhando e trilhando os passos de quem pretende ir mais longe, **Luíza Bairros**.

Nada melhor para expressar a força dessas mulheres e reverencia-las do que falar sobre a marcha das mulheres negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver. São textos que refletem as impressões, reflexões, sentimentos daquelas que vivenciaram essas manifestações e que ao escrever sobre isso ressignificam o vivido e empoderam para novos movimentos.

Seguindo o compromisso assumido pela linha editorial do Caderno Sistehood valorizamos as escrevecências das mulheres em diversos formatos, por isso nessa edição temos relatos, depoimentos, poesias e fotografias que expressam a importância da marcha das mulheres negras para enfrentamento das lutas que vivenciamos nesse período histórico do nosso país, tão conturbado e ameaçador dos direitos já conquistados.

Boa leitura a todas e todos!

Liliane de J. Bittencourt

¹ COLLINS, P.H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n.1, Janeiro/Abril 2016.



*Caderno Sisterhood:
Rotas e Pensamentos de Mulheres Negras*



As marchas das mulheres negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver

Realizações, impactos e perspectivas



Fotografia: Tânia Palma



CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER É QUE MARCHAM AS MULHERES NEGRAS

Denize de Almeida Ribeiro¹

Em um momento histórico desafiador, vamos nos lembrar que nós somos centenas de milhares, milhões de mulheres, transgêneros, homens e jovens que estão aqui na Marcha das Mulheres. Nós representamos forças poderosas de mudança que estão determinadas a impedir as culturas moribundas do racismo e do hetero-patriarcado de levantar-se novamente (Ângela Davis, 2017).

Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser (Paulo Freire, TV PUC-SP, 1997).

Introdução

O ato de marchar historicamente tem a ver com uma prática militar que antigamente era associada a desfiles de guerra, quando num ritmo constante e com certa música de ordem os soldados marchavam e anunciavam suas conquistas. Marchar tornou-se um item importante do treinamento militar, na maioria dos países, e, para estes, os exércitos marcham obedecendo a um comando específico e ensina-se a marchar como parte da disciplina. O passo constante, regular e organizado das marchas foi uma característica adotada no passado, pelas legiões romanas e por outros exércitos europeus, que se tem notícia.

Em lugares como a Irlanda do Norte, por exemplo, marchar faz parte da cultura local, onde centenas de marchas acontecem todos os anos, organizados por grupos de ONG's que levam para as ruas a maioria de seus integrantes e suas respectivas pautas.

Do exercício militar às ruas, as marchas passaram a ser imprescindíveis nos protestos e manifestações, por organizar em um único direcionamento um contingente considerável de pessoas que lutam em torno de uma mesma causa.

¹ Professora do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Coordenadora do NEGRAS-Cnpq.



No que se refere às marchas de negros e negras, estas se inserem como simbólicas de lutas, insurreições, levantes, denúncias contra a condição de escravidão, o machismo, sexismo, condições de trabalho insalubres e principalmente contra o racismo, problemas a que tal população esteve sempre relacionada no continente africano e na diáspora.

Refletindo sobre a explosão de inúmeras marchas pelo Brasil e pelo mundo, tentei trazer nesse artigo aquelas manifestações mais conhecidas e seus significados diante das pautas a que se empenharam em representar.

Reflexões sobre Nossas Marchas

Na busca de tentar dar maior visibilidade as principais marchas que nos impactaram, nas lutas por igualdade, enquanto negros e negras, podemos citar inicialmente:

- **Marcha com Zumbi para o Quilombo de Palmares**

O inesquecível levante feito por Zumbi dos Palmares (1580) que levou, em direção ao sonho de uma sociedade mais igualitária e justa, dezenas de negros e negras, indígenas e mesmo brancos, a fugirem entre as florestas e marcharem em direção ao Quilombo de Palmares. A que se entender, na atualidade, que a realidade das marchas para as tocaias dos quilombos foi uma estratégia de sobrevivência comum na diáspora escravocrata.

Diante da realidade das inúmeras comunidades remanescentes de quilombos, que lutam por reconhecimento e direito às suas terras hoje, percebemos o quão comum foi e é essa estratégia de aquilombar-se. Muitos terreiros de candomblé pertenciam a antigos quilombos, enquanto centros religiosos dessas comunidades. Tal estratégia resguardou um patrimônio incomensurável de conhecimentos e práticas da matriz cultural africana, impossíveis de sobreviver em outros contextos, inclusive em alguns países de África.

Nesse sentido, que bom que nossos antepassados marcharam na direção contrária ao seu extermínio e pelo Bem Viver, buscaram enquanto povo, territórios que os acolhessem e onde pudessem ser pessoas livres e conscientes da barbárie a que foram expostos.



- **Irmandade da Boa Morte - Marcha de Mulheres Negras pelo Bem Viver**

Denunciar, ir às ruas, marchar, tornou-se ao longo dos tempos um ato revolucionário, mas não é de agora que tais manifestações acontecem. Sob a batuta das mulheres negras brasileiras, em 1820, por exemplo, tem-se notícia da fundação da Irmandade da Boa Morte, uma organização feita exclusivamente por negras livres, de candomblé, que ressignificaram a devoção a Nossa Senhora e realizam, ainda hoje, nas ruas do Recôncavo da Bahia suas procissões, onde marcham pedindo respeito e Bem Viver, como uma das formas de se ter uma Boa Morte.

O que, neste caso, chamo de marcha trata-se de um cortejo representando o falecimento de Nossa Senhora, seguido de sentinela, procissão e do enterro da santa cristã, quando as irmãs usam seus trajes de gala. Ao final temos a celebração da ressurreição de Nossa Senhora da Glória que também é seguida por procissão e missa, fechando com um festejo de rua em que todos participam, cantam, dançam e comem.

Todo esse ritual é repetido a cada ano para que não se esqueçam da luta de tais mulheres negras, pela liberdade, pelo Bem Viver e para promover sepultamentos dignos aos negros no período da escravidão. Elas nos mostram através dos rituais fúnebres de Maria, como deveriam ser feitos os sepultamentos e as sentinelas para suas tradições de origem.

Na atual realidade de genocídio da população negra a atitude de tais mulheres, nos faz pensar na seguinte questão: o que precisa ser feito para termos um Bem Viver e uma Boa Morte?

- **Marchas Feministas**

Durante toda essa trajetória histórica de luta por direito das mulheres, não podemos deixar de lembrar o movimento feminista e suas marchas em diferentes lugares do mundo.

No processo histórico de registro do movimento feminista os acadêmicos dividiram essa luta em três ondas: A primeira onda se refere principalmente ao sufrágio feminino, movimento que ganhou força no século XIX e início do XX. A segunda onda se refere às idéias e ações associadas com os movimentos de liberação sexual feminina iniciados na década de 1960, que lutavam pela igualdade legal e social para as mulheres. A terceira onda seria uma continuação - e, uma reação às falhas - da segunda onda, iniciada na década de 1990. Todas essas ondas foram protagonizadas por marchas de mulheres prioritariamente brancas (PINTO, p. 15-16, 2010).



Para Gomes e Sorj (2014), esse uso da noção de ondas implica omissões e exclusões de muitas expressões do feminismo que não se enquadram nos critérios definidos como dominantes em cada época, conferindo, dessa maneira, uma idéia de uniformidade a um movimento que sempre teve visões dissonantes. O uso do termo *onda* cria uma aparência de neutralidade e objetividade sobre o processo de nomeação quando, na verdade, toda periodização envolve disputas de poder e lutas por reconhecimento.

Vale ressaltar que, enquanto as mulheres brancas pontuam este momento como demarcador do movimento feminista pelas reivindicações trazidas pelas mulheres, as mulheres negras não pactuavam necessariamente das mesmas reivindicações, pois há muito tempo elas já ocupavam os espaços públicos, já trabalhavam e eram tratadas de forma igual aos homens negros na utilização da sua mão-de-obra pelo sistema escravocrata.

Neste contexto de reivindicações, com relação ao papel das mulheres na sociedade, vale lembrar o discurso de Sojourner Truth, em 1851, que já denunciava as diferenças interraciais e apontava para a necessidade de um feminismo interseccional quando dizia:

Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu ari e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (PINHO, 2014, in: Geledés).

Por conta de tudo isso é que nós, mulheres negras, permanecemos em marcha pela conquista e reconhecimentos dos nossos direitos, do nosso legado histórico e pelo Bem Viver de nossas comunidades, mas pontuamos nosso movimento feminista a partir de outras falas e lutas contra o patriarcado e o racismo. O movimento feminista branco não pautou as desigualdades raciais, desconhecendo a opressão racista como um nível de opressão que precisaria ser vencido também como pauta feminista.



- **Marcha do Movimento Negro por Direitos Civis nos EUA**

A maioria dos autores faz referência que, para o movimento negro americano, a primeira marcha pelos direitos civis ocorreu em 7 de março de 1965, num evento que entrou para a história como *Domingo Sangrento*, onde cerca de 600 manifestantes, que protestavam contra a morte de outros ativistas e também contra a exclusão dos negros do processo eleitoral, foram atacados pela polícia local e estatal com cassetetes e gás lacrimogêneo.

A segunda marcha ocorreu em 9 de março; policiais e manifestantes ficaram frente a frente, mas quando as tropas moveram-se para o lado para deixá-los passar, o Dr. Martin Luther King guiou os manifestantes de volta à igreja. A terceira marcha começou em 16 de março. Cercados por 2 mil soldados do Exército Americano, 1.900 membros da Guarda Nacional do Alabama sob comando federal e muitos agentes do FBI e marechais federais, os manifestantes avançaram 16 quilômetros ao longo de todo o dia pela estrada, conhecida no Alabama como a “Rodovia Jefferson Davis”. Os manifestantes alcançaram Montgomery em 24 de março e o Capitólio do Estado do Alabama em 25 de março (BRANCH, 2013).

Para Branch (2013), as marchas mudaram a opinião pública sobre o movimento pelos direitos civis, pois as imagens das leis do Alabama sendo aplicadas violentamente em manifestantes não-violentos foram mostradas em todo o país e no mundo por redes televisivas e jornais.

O autor considera que a exposição de tanta brutalidade apoiada pelo estado do Alabama ajudou a mudar a imagem do movimento segregacionista, passando da de um movimento que tentava preservar a ordem social do Sul, para a de um sistema de terrorismo legalizado contra todos aqueles que não eram brancos (idem).

- **Marcha Zumbi dos Palmares**

Em 1995, no Brasil, as manifestações comemorativas aos 300 anos da morte de Zumbi culminaram com a Marcha de Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e pela vida, na qual cerca de 10 mil negros e negras foram a Brasília com um documento reivindicatório entregue ao então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Participaram dessa marcha cerca de 30 mil ativistas vindos de muitos lugares do país. Na ocasião, foi entregue ao presidente um documento com as principais reivindicações do Movimento Negro, denunciando o racismo, defendendo a inclusão dos



negros na sociedade brasileira e apresentando propostas de mudança no quadro das desigualdades.

Tais reivindicações fazem parte, até hoje, do elenco de pautas que entraram para a agenda governamental redirecionando políticas públicas para a promoção da igualdade.

- **Marcha das Margaridas (MM)**

Já a Marcha das Margaridas (MM) vem sendo realizada em Brasília (DF), a cada três anos, e conta com a presença de mulheres oriundas de todas as regiões brasileiras.

Ao questionar o Estado e os seus próprios movimentos, a MM rompe com estruturas sociais hierarquizadas e hegemonicamente masculinas e pauta um novo modelo de desenvolvimento para o País.

Coordenada pelo Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais composto pela Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (Contag) e por 27 Federações (Fetag's) e mais de 4000 sindicatos, a Marcha das Margaridas se consolidou na luta contra a fome, a pobreza e a violência sexista. São agricultoras familiares, assentadas, quebradeiras de coco, pescadoras, quilombolas, mulheres do campo, das águas e das florestas que formam um mosaico de grande identidade política entre as trabalhadoras rurais (SILVA, p. 487-488, 2008).

- **Marcha das Vadias**

No que se refere à Marcha das Vadias, essa é uma marcha que começou em Toronto, em 2011, como reação à declaração de um policial, em um fórum universitário sobre segurança no *campus*, de que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como vagabundas, putas, vadias etc. Reconhecendo nesta declaração um exemplo amplamente aceito de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres, a primeira marcha de Toronto teve como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos. Desde então, por meio da rápida troca de informações proporcionada pela internet, a marcha foi organizada em diversas cidades pelo mundo.

No Brasil, São Paulo foi a primeira cidade a organizar uma *marcha*, em 2011, adotando o termo “vadias”. A rapidez com que a *marcha* se disseminou pelo país e mobilizou a juventude é indissociável das possibilidades que as novas



tecnologias de comunicação oferecem ao ativismo político. Já em 2012, no segundo ano do advento da *Marcha das vadias*, 23 cidades, de todas as regiões do Brasil organizaram protestos usando ferramentas como Facebook, Twitter, Youtube, blogues e emails. Anualmente, cresce o número de cidades que sediam a *marcha* mantendo o espírito que originou o protesto canadense, mas definindo localmente outras reivindicações e modos próprios de organização (GOMES e SORJ, p. 437, 2014).

Segundo Gomes e Sorj (2014), as organizadoras da *marcha* do Rio de Janeiro eram majoritariamente mulheres jovens, de cor branca e com nível educacional universitário. Assim, as autoras concluem que é possível afirmar que a *Marcha das Vadias* guarda uma linha de continuidade com o que encontramos nos registros históricos sobre a composição social das feministas, desde o movimento das sufragistas até a geração dos anos 1970, que teve presença marcante na luta pela democratização do país, na organização dos encontros nacionais feministas, na formação dos núcleos de estudos de gênero nas universidades e associações científicas e na institucionalização do feminismo no Estado.

Por conta deste perfil podemos registrar tensões nesta *marcha* no que se refere ao movimento feminista negro, que vem questionando e reivindicando identidades contra-hegemônicas dentro deste movimento.

- **Marcha Mundial de Mulheres**

O Fórum Social Mundial teve uma enorme contribuição para historicizar a globalização capitalista e mudar os termos do debate. Primeiro trocando o mandamento “Não há alternativa” por “Um outro mundo é possível”, isto é, mulheres e homens do mundo inteiro pensando livremente e abandonando o estreito círculo da política de resultados (NOBRE e FARIA, p. 625, 2003).

A experiência do Fórum trouxe à tona temas e sujeitos políticos e redirecionou o debate da soberania nacional. Em cada uma de suas edições as ‘questões’ da América Latina, a resistência ao imperialismo econômico, entre outros temas, foram objeto de debate e solidariedade públicas.

A *Marcha Mundial das Mulheres*, desde o início, se constitui como parte do movimento antiglobalização e nos coloca o desafio de como fortalecer a presença e a agenda feminista neste movimento. O Fórum Social Mundial e a Rede de Movimentos



Sociais que nele se criou têm sido um terreno privilegiado para construir análises e agendas e para exercitar novas abordagens e formas de organização (NOBRE e FARIA, 2003).

- **Paradas do Orgulho Gay (Marcha)**

Paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) são eventos de visibilidade para essa população. Originadas nos Estados Unidos como marchas de denúncia ante a violência contra homossexuais, no Brasil se tornaram manifestações com características carnavalescas.

Segundo Jesus (2013), a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT (2008) estima que, em 2008, ocorreram no Brasil mais de 195 paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Em 2011, esse número subiu para 387 paradas (ABGLT, 2011), um aumento de aproximadamente 90%.

Para a autora, o número elevado de paradas e seu potencial agregador de público, considerando suas características originais, demonstra que elas foram absorvidas e adaptadas à cultura brasileira.

No Brasil, a primeira manifestação pública pelos direitos de LGBT foi uma passeata contra a violência policial, ocorrida em 13 de junho de 1980, na cidade de São Paulo (Trevisan, 2006). As primeiras paradas do orgulho LGBT se subscrevem no momento que Prado e Machado (2008) identificam como o de surgimento do movimento LGBT contemporâneo, e também o de melhor organização desse movimento, decisivo para a luta por igualdade dessa população, particularmente gays e lésbicas, que "puderam manifestar publicamente antagonismos políticos contra a opressão sobre orientação sexual" (JESUS, p. 99, 2013).

Assim, Jesus (2013) afirma ainda que cada pequena ação de uma pessoa, em prol da livre expressão da orientação sexual e da vivência da identidade de gênero, independentemente de seu sexo biológico e mesmo que ela não seja lésbica, gay, bissexual, transexual ou travesti, é uma iniciativa minoritária ativa, de modo que cada pequeno momento de expressão do desejo e da liberdade, da participação em uma parada até a oposição ante a uma piada preconceituosa, é uma defesa do direito das pessoas serem quem são.



Desse modo, as paradas do orgulho LGBT, para essa autora, são o exemplo de que a ocupação de territórios, por vezes barulhenta, ruidosa, ultrapassa a barreira da mera visibilidade, pode representar mais do que a conquista de direitos fundamentais para uma minoria ativa, mas também a transformação dos horizontes ideológicos de toda a sociedade.

- **Marcha de Mulheres Negras, contra o racismo, a violência e pelo bem viver**

A Marcha das Mulheres representa a promessa de um feminismo contra o pernicioso poder da violência do Estado. É um feminismo inclusivo e interseccional que convoca todos nós a resistência contra o racismo, a islamofobia, ao anti-semitismo, a misoginia e a exploração capitalista (Angela Davis, 2017).

Assim começa a carta da Marcha de Mulheres Negras:

Nós Mulheres Negras estamos em Marcha para exigir o fim do racismo e da violência que se manifestam no genocídio dos jovens negros; na saúde, onde a mortalidade materna entre mulheres negras está relacionada à dificuldade do acesso a esses serviços, à baixa qualidade do atendimento aliada à falta de ações e de capacitação de profissionais de saúde voltadas especificamente para os riscos a que as mulheres negras estão expostas; da segurança pública cujos operadores e operadoras decidem quem deve viver e quem deve morrer mediante a omissão do Estado e da sociedade para com as nossas vidas negras (Carta da Marcha de Mulheres Negras, 2015).

Neste documento reivindicatório, as mulheres declaram:

Marchamos pelo direito à vida, pelo direito à humanidade, pelo direito a ter direitos e pelo reconhecimento e valorização das diferenças. Marchamos por justiça, equidade, solidariedade e bem-estar que são valores inegociáveis, repercussão local, nacional e mundial da Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver, realizada no dia 18 de novembro de 2015, essa marcha foi resultado dos esforços coletivos as milhões de mulheres negras que, durante três anos e em lugares diferentes do País e do mundo, acreditaram na construção de um momento político que revelaria e visibilizaria a luta, a resistência, as denúncias, as angústias e as vozes das 50 milhões de mulheres negras brasileiras (Carta da Marcha de Mulheres Negras, 2015).

A estratégia de comunicação e mobilização construída e inaugurada na Marcha marcou uma forma de fazer comunicação e mobilização, sustentadas nos ensinamentos



antigos do “correio nagô” e do boca a boca, da proximidade de lugares das mulheres negras, como também, da utilização inovadora das ferramentas de comunicação que, ao se juntar aos discursos e bandeiras políticas levantadas pela Marcha, produziu incidência em diferentes esferas.

Assim, no dia 18 de novembro de 2015, mulheres negras “aquilombaram” Brasília também para dizer o que queremos enquanto povo negro, que seria: construir um novo modelo civilizatório para o País, centrado no bem viver e no rompimento com o racismo e todas as formas de discriminação que alijam e matam homens e mulheres negras.

- **Marcha do Empoderamento Crespo**

A experiência mais recente e que começa em Salvador (BA) tem sido a Marcha do Empoderamento Crespo, que se propõe a atuar na desconstrução negativa do fenótipo negro através da afirmação da estética negra. As integrantes desta marcha acreditam que a afirmação da estética negra é um passo importante para a construção da identidade de cada indivíduo negro e na superação do racismo.

Estimular cada pessoa negra ao reconhecimento positivo de si, de sua estética e sua ancestralidade é fazer ruir uma forte coluna do racismo de nossa sociedade, pois a estrutura que estipulou o padrão branco de beleza é a mesma estrutura que legou à população negra a feiura, o estigma da vadiagem e bandidagem, a marginalização e a subalternização; tornou o corpo branco sagrado e o corpo negro alvo de toda forma de violência. Essa estrutura legítima, das mais diversas formas, a morte física e a morte simbólica do povo preto (II Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador, 2016).

Dessa forma, para suas organizadoras,

A Marcha do Empoderamento Crespo vem atuando no interior, em diversas escolas, bairros, universidade e grupos de mulheres discutindo e instrumentalizando os modos de subjetivação e formação da identidade dos sujeitos marcados pela diferença, pra fins de tomar o olhar do diferente, que antes os inferiorizava e fazer disso uma mola que possa resistir e subverter (II Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador, 2016).

Fazendo uma ação afirmativa através da estética, reposicionado o estereótipo discriminador e inferiorizante a partir de outro lugar, ressignificando o conceito de beleza



que valoriza o padrão branco, denunciando, desta forma o racismo e o lugar de subalternização que a sociedade impõe ao sujeito negro e em particular para a mulher negra, em nossa sociedade.

Considerações Finais

Neste texto busquei pontuar algumas das principais marchas que foram significativas e demarcadoras de pautas de lutas, ao longo de uma história de discriminações, racismo, sexismo e outras iniquidades para a população negra.

A estratégia de marchar, me parece bastante efetiva, pois dá visibilidade a denúncias, aglutina diferentes atores sociais e pressiona a sociedade a repensar suas práticas. As marchas ilustram bandeiras de lutas diversas e muitas vezes se multiplicam em diferentes contextos, por segmentos que possuem as mesmas pautas.

Acredito que este é um tema que merece uma maior e mais profunda investigação, no sentido de reconhecimento desta estratégia de luta como método efetivo, para direcionamento de questões coletivas. A esse respeito, um destaque que podemos fazer, com relação a efetividade das marchas, são as novas tecnologias digitais, através das quais muitos desses eventos são organizados e multiplicam-se muito mais rapidamente.

Por outro lado, uma dificuldade que podemos pontuar tem sido identificada no registro dessas marchas, na procura dos materiais e textos que falem de cada uma delas, percebi que tais eventos ainda não foram suficientemente explorados por pesquisadores e cientistas sociais, o que seria de grande valia para historicizar esses movimentos e apresentar para a sociedade como um todo o efeito dos resultados positivos de suas lutas.

Por conta de tudo isso, escrevemos e permanecemos em Marcha!



Referências

BRANCH, Taylor. **The King Years. Historic Moments in the Civil Rights Movement** (em inglês). [S.l.]: Simon & Schuster, 2013.

DAVIS, Angela. **O Discurso de Angela Davis na Marcha das Mulheres Contra Trump**. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/01/23/o-discurso-de-angela-davis-na-marcha-das-mulheres-contr-trump/>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

E-BOOK - **Marcha das Mulheres Negras** - comprimido 20. 09.2016 .PDF Adobe Reader. **CARTA DAS MULHERES NEGRAS 2015**. PDF - ADOBE READER. **Feminismo**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>> . Acesso em 20 de maio de 2017.

GOMES, Carla e SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil**. Revista Sociedade e Estado - Volume 29, Número 2, Maio/Agosto 2014.

Irmandade da Boa Morte. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Irmandade_da_Boa_Morte>. Acesso em 10 de maio de 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. Momentary joy: lesbians, gays, bisexuals, travestites and transsexuals pride parades. Universidade de Brasília, Brasília - 2013.

Marcha das Margaridas (MM). Disponível em: <<http://transformatoriomargaridas.org.br/sistema/wp-content/uploads/2015/02/pesquisa-ipea-marcha-das-margaridas.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2017.

Marcha do Empoderamento Crespo de Salvador – “Eu Tô na Rua é pra Lutar Pelo Direito do Cabelo Encrespar”. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/ii-marcha-do-empoderamento-crespo-de-salvador-eu-to-na-rua-e-pra-lutar-pelo-direito-do-cabelo-encrespar/#gs.DcBt2zI>> . Acesso em 10 de junho de 2017.

Marchas – Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marchas_de_Selma_a_Montgomery>. Acesso em 10 de maio de 2017.

NOBRE, Mirian e FARIA, Nalu. **Feminismo em Movimento: Temas e processos organizativos da Marcha Mundial das Mulheres no Fórum Social Mundial**. SOF – Sempreviva Organização Feminista Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003.

PAULO Freire in *Memoriam*. São Paulo, TV PUC, 1997, Vídeo 45 min.



PINHO, Osmundo. In: Sojourner Truth. **E não sou uma mulher?** - Disponível em: Geledés <<http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em 8 de janeiro de 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. **18**, n. **36**, p. 15-23, jun. 2010.

SANTOS, Sônia Querino dos Santos e Machado, Vera Lúcia de Carvalho. **Políticas públicas educacionais: antigas reivindicações, conquistas (Lei 10.639) e novos desafios.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 95-112, jan./mar. 2008.

SILVA, Berenice Gomes da. **A Marcha das Margaridas: resistências e permanências** Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 2, p. 487-498, maio/ago. 2008.



EU MARCHO, TU MARCHAS, ELAS MARCHAM. POR QUE MARCHAMOS?

Zelinda dos Santos Barros¹

Nós, mulheres negras, historicamente familiarizadas à rua como um espaço de trabalho e luta pela sobrevivência, no contexto contemporâneo de luta pela afirmação de direitos, temos ocupado esse espaço como forma de denunciar violações e afirmar nossa humanidade. As marchas são estratégias de ocupação coletiva da rua com intenções expressamente políticas. São momentos de luta pelo reconhecimento da dignidade de mulheres e homens negros, sejam elas/es conscientes ou ignorantes quanto à importância da organização coletiva para o enfrentamento do racismo, do sexismo, da homofobia e de tudo o que nos oprime. Além do enfrentamento à violência, que incide sobre nós e os nossos das mais variadas formas, o empoderamento por meio da estética tem sido uma das pautas que contribuem para pavimentação desse caminho político traçado há séculos.

Os passos daquelas e daqueles que nos antecederam fortalecem a nossa caminhada, nos fornecem pistas dos caminhos que devemos trilhar. Esses passos reverberam o passo calmo das nossas avós, o passo ligeiro dos quilombolas em fuga e o passo altivo das/os nossas/os lideranças, mas, sobretudo, traduzem luta, inventividade e resistência. Nesse sentido, quem marcha nunca marcha sozinha/o, leva consigo o bastão forjado nas lutas passadas, que revigora e renova os horizontes que seguirão orientando a nossa caminhada em busca de paz para existirmos.

Nas narrativas sobre nós, negras/os, é muito comum a ênfase ao que o racismo destruiu e destrói - o que é compreensível, dado o seu potencial devastador. No entanto, é preciso que, sem ingenuamente pensarmos que não falarmos sobre ele dará conta do problema, marchemos também para celebrar o que construímos coletivamente, apesar do racismo. Como negras/os, não podemos nos dar ao luxo de pensar, seguindo o teorema de William Thomas (teórico interacionista simbólico), que apenas por definirmos uma situação como real, ela será real em suas consequências, pois pesa sobre nós o fardo do

¹ Doutora em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Pós-doutoranda na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).



racismo, que nos atinge sem que com ele tenhamos qualquer sintonia ou intenção vivificadora.

É preciso seguir e nos mantermos de pé, revelando e renovando os conhecimentos produzidos por nossos antepassados e, principalmente, buscando facilitar a criação de possibilidades para que os/as nossos/as jovens desenvolvam suas potencialidades e consigam driblar a morte planejada no conforto dos lares abastados e nos bastidores institucionais.

Devemos nos lembrar dos exemplos de luta, recuperar estratégias coletivas de resistência que possam nos manter firmes e não nos fazerem sucumbir. Para isso, precisamos manter nosso amor próprio, cuja permanência requer o amor pela outra pessoa negra também destituída de amor. Com isso, debelaremos uma estratégia de dominação típica de contextos como o Brasil, onde a dominação colonial se perpetua na colonialidade do poder, que controla e inibe os vínculos e os afetos que fazem nascer o sentimento de pertencimento.

Marchamos porque resistimos!

Marchamos porque existimos!



MULHERES NEGRAS EM MARCHA, ESSES PASSOS VÊM DE LONGE

Emanuelle Goes¹

“A noite não adormece nos olhos das mulheres” Conceição Evaristo

O dia 18 de novembro se aproxima, momento que será histórico e provavelmente demarcará novos os caminhos dos movimentos negros no Brasil, as mulheres negras marcharão em Brasília por um País inclusivo sobre a perspectiva antirracista e anti-sexista.

Há quanto tempo as mulheres negras marcham? Sigo com a resposta, "Nossos passos vem de longe" frase que se tornou lema e que ganhou visibilidade na escrita e na voz de Jurema Werneck. Este lema nos remete sempre a lembrar do nosso ponto de partida que é a ancestralidade de mulheres negras líderes e protagonistas das diversas lutas do povo negro.

A participação efetiva das mulheres negras pelo direito a vida e a dignidade humana da população negra acontece desde sempre, sendo luta e sobrevivência sinônimos, praticamente. Ainda nos dias de hoje, muitas pautas são as mesmas de outrora sobre direitos a saúde, educação, espaço, terra e a espaço de representação política.

Em verdade, reconhecemos avanços, até porque fomos nós que construímos e implementamos as estratégias de políticas de promoção da igualdade e de enfrentamento ao racismo, adentrando as universidades nos tornando pesquisadoras, professoras e gestoras, especialistas no campo das ações afirmativas nas diversas áreas do conhecimento, e com um olhar interseccional levamos as nossas demandas para dentro das políticas de igualdade racial e de políticas para as mulheres.

De acordo com Carneiro (2006): “Este novo olhar feminista e antirracista – ao integrar em si, tanto a tradição de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres – representa uma nova identidade política, decorrente da condição específica do ser mulher negra”.

Os processos de singularização das mulheres negras produziram uma diferenciação entre sujeitos e grupos sustentados na raça e no gênero – mulheres e homens, negras/os e

¹ Doutoranda em Saúde Coletiva pela ISC/UFBA.



brancas/os, que denunciam e recusam as condições de privilégio e de poder que estão atribuídos, unicamente, ao pólo racial branco (LOPES; WERNECK, 2009).

Nas trajetórias das mulheres negras há um entrelaçamento de várias estruturas de opressão e desigualdades, sendo que raça e gênero são os principais fatores responsáveis que conduzem as diferenças de classe, por isso que as intervenções políticas e sociais para as mulheres negras devem ter como base as suas intersecções.

Neste sentido, a feminista afro-americana Kimberlé Crenshaw (2002) conceitua a interseccionalidade como uma associação de sistemas múltiplos de subordinação, sendo descrita de várias formas como discriminação composta, cargas múltiplas, como dupla ou tripla discriminação, que concentra problemas e busca capturar as consequências estruturais de dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

E ela divide a interseccionalidade em duas abordagens: a *estrutural* que apresenta o posicionamento das mulheres negras sobre as desigualdades de gênero e raça em relação à violência, o acesso ao mercado de trabalho, educação e a saúde, por exemplo, comparando com as mulheres brancas e homens negros e brancos e a *política* que se refere as pautas das mulheres negras que são marginalizadas nas políticas públicas tanto raciais, quanto de mulheres, pois o racismo vivenciado pelos homens negros determina, em grande parte, as configurações de estratégias só são antirracistas e que o sexismo vivenciado pelas mulheres brancas, as medidas de enfrentamento, na maioria das vezes, não são racializadas (CRENSHAW, 2005).

No entanto, Angela Davis diz que

O desafio do século XXI não é reivindicar oportunidades iguais para participar da maquinaria da opressão, e sim identificar e dismantlar aquelas estruturas nas quais o racismo continua a ser firmado. Este é o único modo pelo qual a promessa de liberdade pode ser estendida às grandes massas (HAILER, 2015).

Ou seja, para além de construirmos políticas afirmativas de reparação, de equidade para as mulheres, população negra e mulheres negras, o Estado segue um



modelo estruturado pelo racismo e sexismo institucional que atua como barreiras na garantia de direitos dos diversos segmentos da sociedade brasileira.

É por conta disso que as mulheres negras marcham contra o modelo hegemônico de sociedade que exclui parcela significativa da população pela permanência de privilégios e que, para garantia desses privilégios, aniquilam a população negra nas oportunidades e na participação efetiva do exercício da cidadania plena e como sujeitas de direitos deste País.

Referencias

- CARNEIRO, Sueli. Raça e etnia no contexto de Beijing. In: WERNECK, Jurema.
- MENDONÇA, Maísa. WHITE, Evelyn C. (org). **O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.
- CRENSHAW, K. Bonis O. Cartographies des marges : intersectionnalité, politique de l'identité et violences contre les femmes de couleur. **Cahiers du Genre** 2005/2 (n°39), p. 51-82.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, vol.10, n.1, p.171-188. 2002.
- HAILER, Marcelo. **Angela Davis: a mulher mais perigosa do mundo**. Portal Forum. Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/01/angela-davis/>
- LOPES, Fernanda; WERNECK, Jurema. Mulheres jovens negras e vulnerabilidade ao HIV/ Aids: O lugar do Racismo. In: TAQUETTE, Stella R. (org) **Aids e juventude: gênero, classe e raça**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.



PARADAS DO ORGULHO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Jaqueline Gomes de Jesus¹

As Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) são eventos de visibilidade massiva para essa população. Originadas nos Estados Unidos, como marchas de denúncia ante à violência contra gays, no Brasil se tornaram manifestações com características carnavalescas, que não se referem mais apenas aos homens homossexuais, mas também aos demais grupos identitários que compõem o grupo político composto pelos LGBT.

Em nosso país, ocorrem centenas dessas “marchas festivas” durante o ano inteiro, e em todas as Unidades da Federação. O número elevado de paradas e seu potencial agregador de público, considerando suas características originais, demonstra que elas foram absorvidas e adaptadas à cultura brasileira.

As paradas são articulações sociais que demonstram a racionalidade das manifestações de massa, ao contrário do senso comum, por resultarem da organização de longo prazo efetuada por grupos de defesa dos direitos humanos LGBT, os quais se constituem como movimentos sociais relativamente estáveis e coesos, face à variedade de instituições e identidades grupais que os compõem.

Há obstáculos estruturais para a plena cidadania das pessoas pertencentes à população LGBT, devido aos estigmas historicamente associados a eles. As discriminações sofridas pelos membros desse grupo, em suas particularidades (o preconceito contra gays é diferente do que ocorre com lésbicas, bissexuais e, principalmente, pessoas trans – termo que engloba travestis e transexuais) envolvem assimetrias de poder, desigualdade de direitos e, inclusive, violência física e psicossocial expressa por meio de assassinatos.

¹ Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB), com pós-doutorado pela Escola Superior de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV Rio).



A suposta fixidez da sexualidade e a inquestionável determinação social do gênero, são abaladas pela existência de pessoas que se desviam da heteronormatividade, como lésbicas, gays e bissexuais; de que vivem a ambiguidade de gêneros, como drag queens/kings e não-binárias; ou que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído socialmente, como as trans.

LGBT buscam, a exemplo da luta feminista, transformar assuntos tidos como privados (gênero e sexualidade) em pautas de ordem pública. O grande desafio é preservar as intimidades, mesmo que tornando as práticas nelas vividas em assunto de discussão e justificativa para a participação política.

O movimento LGBT, por meio das paradas do orgulho, objetiva mudar essa lógica, ao mostrar para a sociedade em geral que existe uma pluralidade interna (visibilidade da diversidade e das diferenças entre LGBT) e ao reclamar das autoridades a igualdade de oportunidades e de direitos (legalidade e legitimidade como grupo político).

As paradas brasileiras combinam elementos de festa e de política, diferenciando-se das congêneres norte-americanas porque, nessas, somente membros de grupos organizados podem participar, em blocos pré-definidos. No Brasil adotam-se duas dimensões: a do carnaval, que tenta realizar utopias, mesmo que momentaneamente, e a da marcha política que questiona o *status quo*.

A relação das Paradas do Orgulho LGBT com a constituição psicossocial dos seus participantes, como integrantes de uma coletividade, é expressa no reconhecimento público das identidades coletivas que ali se visibilizam, e se reflete na própria percepção dos participantes quanto ao evento e a si mesmos, independentemente de seu gênero ou sua sexualidade.

Como no carnaval, a expressão antes reprimida das individualidades resulta nos múltiplos planos de expressão que conhecemos: as fantasias, os comportamentos fora das limitações rotineiras, as músicas específicas.

Histórica e socialmente, as paradas brasileiras foram construídas dentro do paradigma carnavalesco, na forma de se expressar nas ruas, apesar de, ideologicamente, remeterem a outro universo, o das marchas políticas, pautado por seus discursos contextualizados.



O comportamento coletivo dos participantes, vale ressaltar, refletem mais os anseios pessoais do que o reconhecimento de desafios políticos. Não há nas Paradas a mesma coesão ideológica entre o discurso dos frequentadores e os *slogans* do evento, como existe, por exemplo, nas marchas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

Provavelmente a diferença está em que esse “sujeito político”, o MST, produz poder político com suas marchas, enquanto a população LGBT – tão complexa e composta por pessoas com identidades e demandas por vezes totalmente diferentes – conquista influência social com a expressividade ritual de suas paradas.

Proliferam formas de alianças, com a incorporação de bandeiras de variegados movimentos. Apesar de não estabelecerem uma articulação orgânica, entendida como uma relação equânime entre sujeitos políticos, em prol de projetos contra-hegemônicos, os movimentos feminista e LGBT, por exemplo, têm-se comunicado cada vez mais, no sentido de um enriquecimento mútuo de suas pautas e ações contra as lógicas sexistas hegemônicas, que por definição também são, particularmente, homofóbicas, lesbofóbicas, bifóbicas e transfóbicas.

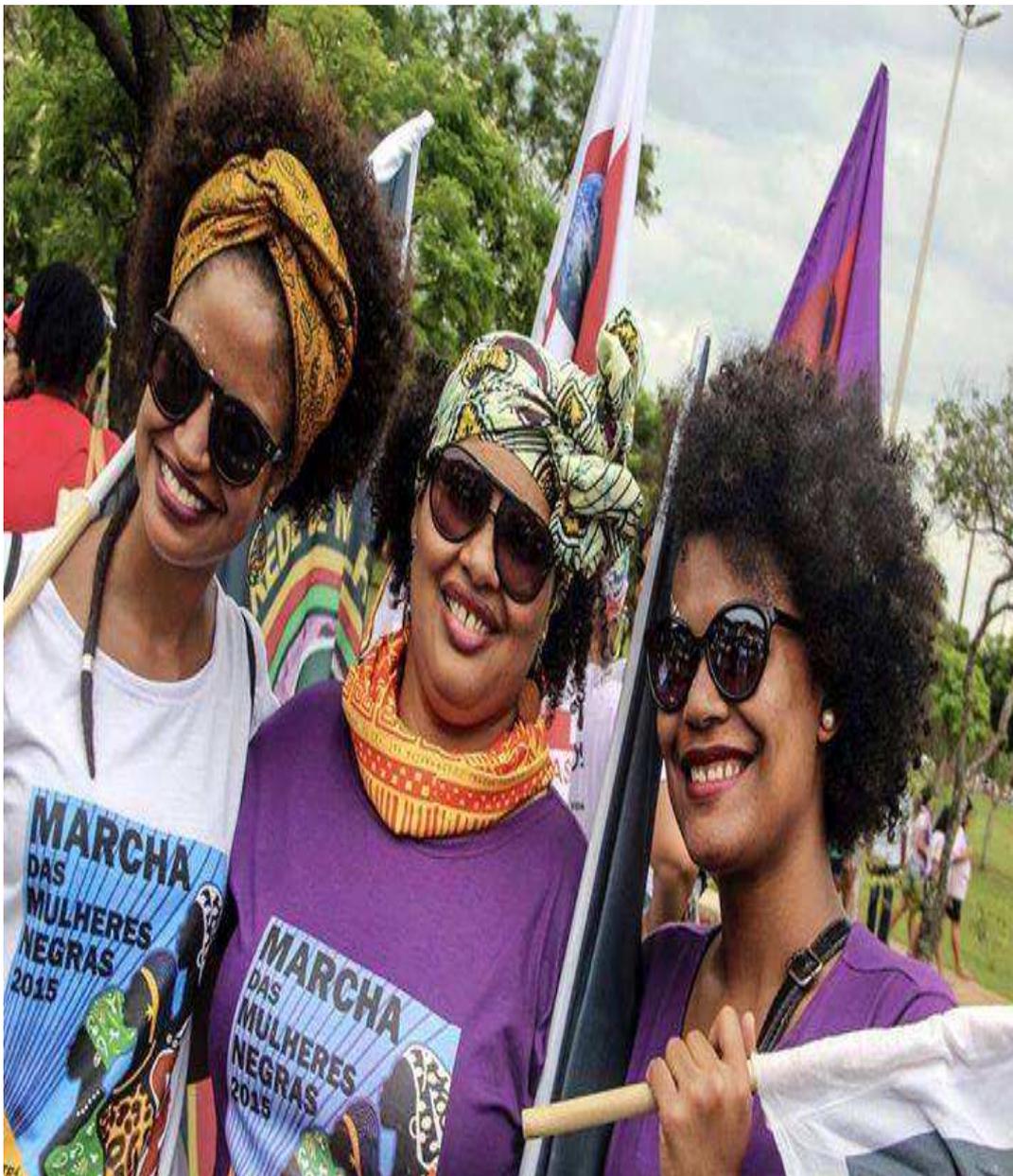
É com esse posicionamento de ruptura com o estabelecido que o movimento social LGBT, como representante da minoria ativa LGBT, introduz elementos novos na discussão sobre gênero e sexualidade, e perturba a estabilidade do grupo majoritário, cisgênero (que não é trans) e heterossexual, por meio das paradas, que por isso tendem a ser criticadas.

Qualquer pequena ação de todas as pessoas, em prol da livre expressão da orientação sexual e da livre vivência da identidade de gênero, é uma iniciativa minoritária ativa, de modo que cada pequeno momento de liberdade, da participação em uma parada até a oposição ante a uma piada discriminatórias, é uma defesa do direito das pessoas serem quem elas são.

As Paradas do Orgulho LGBT são o exemplo de que a ocupação de territórios, por vezes barulhenta, ruidosa, ultrapassa a barreira da mera visibilidade, pode representar mais do que a conquista de direitos fundamentais para um grupo dito minoritário, mas também a transformação dos horizontes ideológicos e de vida de toda a sociedade.



Depoimentos



Fotografia: Tânia Palma



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER, 2015

Maria Noelci Teixeira Homero¹

Nós, Mulheres Negras, marcadas pela luta contra o colonialismo, a travessia forçada do Atlântico e o racismo, agravados pelas desigualdades, marchamos em 18 de novembro de 2015 contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver levando nossas histórias de vida em busca de um mundo mais justo, igualitário, em fim, um mundo melhor.

Este dia foi e será um marco na vida de cada mulher negra estando lá ou não. A Marcha representa a materialização conjunta ao enfrentamento de imensos e muitos desafios colocados na nossa trajetória. Desafios conhecidos, outros novos. Os muitos desafios criados na mesma medida que avançamos, não têm sido suficientes para impedir nossa luta e nossa mobilização. A Marcha mostrou e provou isso. Marchamos por nossa conta, nos preparamos acreditando que, para além das reivindicações históricas, o fundamental é ter ao nosso alcance e em nosso poder ferramentas para o debate e proposição de ações concretas, eficazes e eficientes para a implementação de políticas de justiça para mulheres negras.

Nossa organização para chegarmos a Brasília no dia 18 de novembro nos uniu em torno do compromisso de fazer um País livre do racismo, da violência e pelo bem viver e também a busca por espaço para uma sociedade plural, pois possuímos diversidades que são extremamente importantes. Diversidades estas que se revelam em muitas áreas do conhecimento e são representadas por mulheres negras do campo, da cidade, das florestas e das águas que preservam a cultura, a brasilidade e reconhecem a ancestralidade africana. Por isso marchamos!

A Marcha ampliou a autoestima coletiva das mulheres negras, a visibilidade e reconhecimento de nosso legado ancestral.

¹ Bibliotecária. Especialista no enfrentamento a violência contra crianças e adolescente e mulheres. Integrante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.



UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A MARCHA DAS VADIAS DE ITABUNA-BA

Flavia Damasceno Dias¹

Acredito que sempre fui feminista. Na escola liderava o “time” das meninas contra os meninos. Era uma rivalidade declarada que não lembro ao certo as motivações. Eu tinha seis anos de idade, mas a memória das cadeiras pra um lado só com as meninas e pra o outro só com os meninos, do texto de apresentação da escola no dia da formatura da alfabetização onde disseram: “Flávia esconde por trás dos óculos um amor pelos meninos”, da raiva e careta que fiz na hora de subir ao palco! Disso tudo eu lembro bem e posso dizer que de alguma maneira me diverte e orgulha.

Cresci com essa marca, sempre questionando o que era ou não de mulher e de homem, fugindo da catequese na escola católica, porque não via espaço para mulher, lendo livros e vendo filmes sobre bruxas e o lugar sagrado dado às mulheres em antigas civilizações, me encantando com os arquétipos das orixás femininas e as sentindo mais próximas da minha realidade. Afirmava que eu era regida pelo feminino e hoje quase catorze anos depois sei disso: Eparrei Oyá! Fui seguindo neste caminho até que dei meus primeiros passos como “oficial” militante feminista na Marcha das Vadias de Itabuna.

A marcha surgiu em 2011/2012. Dois anos após meu ingresso na Universidade, já não morava mais em Itabuna, mas mesmo à distância participava ativamente dos planejamentos via internet e sempre que podia pegava a estrada e ia até lá participar das ações de mobilização. De repente, me reconectei a uma rede de pessoas que já era minha rede desde sempre, mas que agora eram iguais a mim. Digo isto porque eram mulheres que me viram crescer, que já me ensinavam sobre ser mulher há muito tempo e que agora formavam um grupo feminista e olha só quem fazia parte também: Eu! A menina daquelas mulheres! Professoras, historiadoras, pedagogas, universitárias, lideranças comunitárias e integrantes de outros movimentos sociais.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.



Apesar de estar na universidade, fiz meus primeiros contatos com a literatura sobre gênero e feminismo com o grupo Marcha das Vadias. A Marcha se configurava como um movimento internacional nascido no Canadá, onde as mulheres tomaram as ruas para protestar contra a ação de um policial que se referiu a uma mulher como vadia por estar usando roupas curtas e reclamando por ser assediada. A partir daí, mulheres do mundo todo realizaram marchas com esta temática. Em Itabuna, queríamos falar sobre a nossa realidade, mais do que falar sobre a liberdade de viver nossa sexualidade como quisermos, tema de muitas marchas pelo país, queríamos falar das mulheres negras, dos estupros que sofríamos, da violência doméstica e da implementação de políticas públicas específicas para as mulheres na cidade.

Então, fomos às ruas com nossos gritos de guerra, dados de pesquisa sobre violência e a realidade da nossa cidade: a 9ª do Estado da Bahia que mais matava mulheres, 25 estupros registrados naquele ano, 1.389 registros de violência doméstica, mulheres negras como as maiores vítimas. Viver a marcha a cada oficina de cartazes, ensaios dos textos a serem lidos ao microfone, a decisão de que roupa usar, que mulher eu queria que fosse vista pelas minhas e meus conterrâneos/os... A experiência de marchar nas ruas da terra onde nasci protestando pelos direitos das mulheres foi meu primeiro encontro profundo com a mulher que começaria a nascer em mim tempos depois.

Marchar como vadia vestida de preto e vermelho, com flor na cabeça, salto 15 cm e um microfone à mão foi sentir pela primeira vez a magia da força e autonomia que temos que ter diariamente na luta por liberdade. A rouquidão, o sol no rosto, as lágrimas e o suor, nada disso me fazia querer parar e sair dali. Os rostos que aprovavam e desaprovavam, as mulheres pelas ruas tímidas a nos ouvir, aquelas que paravam e olhavam profundamente para nós, com aquela dor e verdade nos olhos, por elas a vontade só aumentava... Eram elas, era eu, éramos todas nós ali expondo nossas feridas, ignorando os julgamentos, alimentando o desejo de seguir nossas vidas sem violência.

Marchar com a sensação maravilhosa de estar viajando no tempo e imaginar-se ignorante todas as vezes em que me olhavam como um “pedaço de carne exótico”, dos assédios e abusos sofridos ao longo da vida, das dores amargas sentidas a cada decepção nas relações afetivo-amorosas. Com aquela certeza, que só a gente precisa ter, de que



somos capazes de viver uma vida onde estamos à vontade para sermos inteiras e viver com as nossas diferenças. Haja coragem para seguir marchando como vadia na vida! Mas, a melhor parte? Depois que começamos a marchar não há freio que nos pare! Seguirei lutando pela vida das mulheres... E viva nós a vadiar pela vida!



MARCHA DO ORGULHO CRESPO E MARCHA DAS MULHERES NEGRAS

Cidinha da Silva¹

A primeira vez que me detive na expressão “assumir os crespos” foi quando uma pequena do meu afeto a pronunciou. Ela me contava animada que uma coleguinha de escola, de 13 anos, como ela, havia assumido os crespos.

Eu retruquei na hora: O crespo saiu do armário? E rimos a vera. Ela continuou o papo e confessou o desejo de assumir também. Eu incentivei.

Veio então o golpe de misericórdia: Você podia assumir junto comigo. Mas como? Perguntei perplexa. Eu já uso *dreads*. Para minha surpresa, a menina concluiu: Isso não é crespo. E o que seria um crespo, perguntei? Ah, um *black*, um cacheado bem *fashion*!

As pequenas, as mais novas, nos trazem para o mundo real vivido por elas, às vezes bem distante da vivência das mais velhas. No meu tempo político, *dreads* eram a radicalidade do cabelo crespo, principalmente para as mulheres negras. Hoje, para muitas meninas influenciadas pelas jovens que tomam a *web* com seus crespos e encaracolados tombadores, *dreads* podem significar qualquer coisa, menos uma radicalidade desejada para os cabelos crespos, pelo menos em mulheres.

Diante dessa situação inusitada pode haver uma tendência de opor a Marcha das Mulheres Negras Contra a Violência, o Racismo e Pelo Bem-viver e suas pré-marchas, disseminadas pelo país, às Marchas do Orgulho Crespo. Sim, é legítimo ponderar que as crespas tomaram essas terras porque articuladas por linguagem ágil, dinâmica, conectada ao culto à imagem do *selfie*, astro rei das telas de todos os tamanhos.

Por outro lado, não, não haverá oposição às dinossauras da política pró-mulher negra e as crespas lacradoras, se o sentido amplo da expressão marcha for o fiel da balança.

Em política, marcha é uma palavra usada nos contextos de guerra, de combate, de luta. São memoráveis as marchas pelos direitos civis nos EUA dos anos 1960; as marchas

¹ Escritora. Doutoranda no Programa Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia. Cidinha.tridente@gmail.com



pelo fim do *Apartheid*, na África do Sul e em todo o mundo nos anos 1980; a Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e Pela Vida, no Brasil, em 1995; as marchas contra o genocídio da população negra no Brasil do século XXI.

Na raiz da Marcha do Orgulho Crespo, pautada aparentemente pela elegia à estética, e também da Marcha das Mulheres Negras, suposto ápice da politização, o mesmo princípio, a opressão interseccional enfrentada pelas mulheres negras da África e da diáspora.

Diáspora de riqueza econômica e direitos civis consolidados, como nos EUA, mas onde se mata uma jovem negra de 28 anos, Sandra Bland, em processo de perseguição por pequena infração de trânsito. Depois de morta montam cenário para fotografá-la em posição que simula sua entrada na cadeia, para, três dias depois, declarar sua morte por suicídio.

Diáspora empobrecida de Madureira, onde policiais arrastam Cláudia da Silva Ferreira por 350 metros, até que passantes horrorizados gritem que existe um corpo pendurado na viatura.

Diáspora em que o racismo e a branquitude procuram eliminar desde sempre, todos os sinais de vinculação positiva de pessoas afro-diaspóricas ao continente africano.

Diáspora em que todas as famílias negras são devastadas por gerações, quando um membro é assassinado pelo Estado.

Ao contrário do que se apregoa em debates tendenciosos e alheios ao funcionamento do racismo para quem é por ele alvejado, não há nada de vitimismo em Cabelços, Encrespando, Marchas do Orgulho Crespo ocorridos em várias cidades, existe, sim, protagonismo de uma estética articulada ao *pop* negro contemporâneo. Estética que, na arte, é a parte exterior da ética do artista.

Coisa boa que as mais velhas, por meio de sua vivência mais larga, capacidade de reflexão apurada e generosidade, sistematizem para todos nós o essencial: Descendemos de quilombolas e somos as quilombolas responsáveis pela sobrevivência física, econômica, emocional, psíquica e espiritual do povo negro no trajeto da diáspora africana. Somos o presente, o futuro e exigimos o bem-viver, agora, lideradas por nós mesmas, de variadas gerações. Uma sobe e puxa a outra, diz o lema da Marcha das Mulheres Negras.



Que todos os renascimentos sejam possíveis. Crespos, *dreads* e turbantes são as coroas contemporâneas que simbolizam a realeza usurpada de nossas ancestrais, despertada em quem sobreviveu.



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS 2015

Cidinha da Silva¹

A previsão do tempo indicava chuva em Brasília, mas a Senhora das Tempestades e o Senhor dos Trovões, donos das quartas-feiras, seguraram as águas e os raios. Deixaram o Sol conduzir a “Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem-viver”.

Depois de mais de três anos de mobilização e articulação política, mudanças na data de realização, e muito, muito trabalho, 50 mil mulheres negras, segundo a organização da manifestação, ocuparam as ruas da capital federal reivindicando cidadania plena. O ato representou as negras que compõem 25,5% da população geral, em marcha para amplificar a necessidade de erradicar o racismo e a violência.

O ritmo cadenciado da Marcha foi marcado pelos passos firmes de mulheres que brotavam do campo e das cidades, das águas e das florestas, dos quilombos rurais e urbanos, das favelas e palafitas, dos bairros periféricos, da falta de teto e terra, das ruas. De diferentes idades, orientações sexuais e religiosas. Foi marcado pelo grito que reivindica a construção de um novo pacto civilizatório que inclua mais de 50% da população brasileira, a parcela negra, que tem sido invisibilizada e/ou excluída do alcance das políticas públicas.

A julgar pela garra e determinação das participantes virão outras marchas, históricas e transformadoras como as marchas pelos direitos civis nos EUA dos anos 1960; pelo fim do *Apartheid* na África do Sul nos anos 1980; contra o racismo, pela cidadania e a vida, no Brasil dos anos 1990 e 2000; pelos direitos econômicos e por um tratamento digno da polícia e dos poderes constituídos à população negra, nos EUA das primeiras décadas do século XXI; contra o genocídio da população negra brasileira na última década, no Brasil.

A Marcha das Mulheres Negras foi aberta pelas zeladoras da secular Irmandade da Boa Morte, da cidade de Cachoeira, Bahia, em mensagem direta e contundente de paz e respeito às diferenças, principalmente religiosas. Teve uma comissão de frente composta

¹ Escritora. Doutoranda no Programa Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia. Cidinha.tridente@gmail.com



por *Iyalorixás* vindas dos quatro cantos do país. Mulheres-símbolo da sabedoria ancestral africana que há séculos oferece sustentação espiritual e acolhimento ao povo brasileiro, nos milhares de templos das religiões de matriz africana, cujas portas são indistintamente abertas a brancos, negros, orientais, a todos, com generosidade e amor.

Essas veneráveis senhoras materializaram também a voz que exige a laicidade do Estado. O destaque e visibilidade de sua presença lembra que as casas de *asè* têm sido atacadas e destruídas pelo ódio político-racista e pelo fundamentalismo religioso. Seus filhos e filhas têm sido apedrejados e agredidos de diversas formas. Elas mesmas têm tido as vidas ameaçadas e ceifadas pela violência dirigida às matrizes africanas no campo religioso.

A violência contra as mulheres negras, tema central da Marcha, é demonstrada de maneira cabal pelo “Mapa da Violência 2015”. Segundo dados divulgados pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, o número de homicídios contra as mulheres cresce, à revelia da aplicação da “Lei Maria da Penha”, principalmente entre as negras. Em 2013, a cada cinco mulheres assassinadas, três eram negras.

No encerramento da Marcha, os milhares de mulheres negras que chegaram ao Congresso Nacional foram agredidas por homens da extrema direita escondidos em barracas de *camping*, armados com revólveres e bombas caseiras. Dois deles atiraram para o chão e para o alto, ameaçaram manifestantes e lançaram bombas, causando pânico e medo. Foram desarmados e presos, mas não algemados. Um deles, flagrado por fotógrafos de jornais, sorria cinicamente de dentro da viatura policial, assentado ao lado de um colega (os ultradireitistas são policiais civis) e fazendo o gesto de continência militar.

Em alguns hotéis, no dia seguinte, as manifestantes hospedadas fecharam a conta mais cedo para evitar confronto com dezenas de ultradireitistas supostamente acampados no gramado do Congresso, mas, na real, instalados naqueles hotéis. Era mesmo para ter medo, pois aqueles eram os homens e mulheres que ameaçaram deflagrar uma “carnificina” caso suas barracas fossem retiradas do local, onde só se mantinham por capricho do Presidente da casa, Eduardo Cunha.

Como parte das atividades estratégicas da Marcha, as trabalhadoras domésticas, prostitutas/profissionais do sexo, artistas, profissionais liberais, trabalhadoras rurais,



extrativistas do campo e da floresta, marisqueiras, pescadoras, ribeirinhas, empreendedoras, culinárias, intelectuais, artesãs, catadoras de material reciclável, iyalorixás, pastoras, agentes de pastorais, estudantes, comunicadoras, ativistas, parlamentares, professoras, gestoras, entre outras, organizaram audiências públicas na Câmara e no Senado. Nestas, cobraram posições progressistas e comprometidas dos parlamentares, a exemplo da posição assumida por parte significativa da bancada de mulheres. Denunciaram a formação reacionária do Congresso que atenta, de forma violenta, contra os corpos, a saúde, os direitos e a autonomia das mulheres negras, por meio da promoção de discriminações, do ódio e desrespeito aos que diferem e discordam do fundamentalismo que domina a casa do povo.

A Carta das Mulheres Negras¹ propõe uma série de ações e orientações para políticas públicas no campo do direito à vida e à liberdade; da promoção da igualdade racial; do direito ao trabalho, emprego e território. Direito a terra, moradia e à cidade; à justiça ambiental, a defesa dos bens comuns e a não-mercantilização da vida. Direito à seguridade social, à educação e à justiça.

Para alcançar o bem-viver proposto pela Marcha, a superação do racismo e da violência, dos quais as mulheres negras são alvo, são condições essenciais.

Mas, enquanto isso não acontece integralmente, vão sendo estabelecidas conexões entre a natureza, a política, a cultura, a economia e a espiritualidade, das formas possíveis e de maneira holística. Recupera-se assim, o sentido de utopia para a construção de um mundo, no qual todas as pessoas possam viver com ética, saúde, direitos substantivos, alegria e dignidade.

¹ <http://shoutout.wix.com/so/2L4bNw81#/main>



EU E A MARCHA

Ana Celia da Silva¹

Há alguns meses, antes de novembro, recebi através de Regina Adami, de Brasília, a notícia de que seria uma das convidadas a participar da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver. Convencida pelo forte argumento de que iria com a comitiva selecionada para o encontro com a presidenta Dilma Russéf, aceitei o convite, mas também imediatamente pensei no peso dos meus anos a caminhar pelas ruas de Brasília, cidade de muito sol e pouca umidade do ar, perigos letais para os meus olhos secos, mas orgulhosa de ser convidada a caminhar, com as companheiras, por tão nobre causa, a defesa de viver bem e distante do racismo e da violência, que nos vitima de forma impiedosa, cotidianamente. O mês de novembro vinha se aproximando e nada de ser convidada para as reuniões preparatórias da Marcha. O que está acontecendo Zambi, será que eu serei uma convidada *Honoris Causa*? Fui, porque só bem perto da grandiosa data recebi a passagem de ida para a cidade coração do Brasil. Muita emoção no avião no encontro com outras companheiras mais jovens e outras não tão jovens assim, mas todas imbuídas do sentimento do dever de ir até lá dizer tudo que precisávamos dizer ao Coração Valente e a todo povo que deveria nos ver a desfilar. Como convidada *Honoris Causa* fiquei em hotel com outras militantes históricas do movimento negro e movimento de mulheres. Nem me perguntem o nome do hotel, porque não lembro, mas sei que foi tudo bem. No dia dezessete de novembro, saímos no início da tarde para marchar em Brasília. Linda, linda a abertura com as veneráveis senhoras da Irmandade da Boa Morte, as *Yalorixás* do candomblé e Umbanda e as militantes históricas do movimento negro. Aí começou um pequeno problema. Colocaram-nos, as mulheres de santo e as históricas, em cima do caminhão de som. E como fazer Alaíde do Feijão, emblemática militante, filha de *Omolu* e dona do mais conhecido feijão de Salvador, subir naquelas escadas estreitas e perigosamente verticais? Como dizia Vovô do *Ilê Aiyê* à primeira dama Lili/Kibanda, “você muito avantajada para essas coisas”. Porém, provando que para tudo mulher dá um

¹ Militante do movimento negro. Professora Titular aposentada da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



jeito, Alaíde subiu e foi sentada em um banquinho, com direito a mulher jovem a abanando e cobrindo seu rosto, para proteger do sol. E lá fomos nós, com músicas de *hip hop* e palavras de ordem emitidas por uma jovem, que me disse que só ela podia usar o microfone e que dizia palavras de ordem do movimento LGBT, em grande parte. De repente, o microfone foi aberto para outras militantes. Fiquei calada, porque como vocês sabem, nem sempre eu crio problemas. Porém, de repente, muito de repente, explode uma bomba e outra e ouvem-se tiros. Os facistas acampados em frente ao Congresso resolvem nos atacar. Dizem que tudo começou porque alguns homens que seguravam bolas da CUT invadiram o acampamento e, maravilha, explodiram o boneco inflado que representava Lula em roupas de presidiário. Bom, lembrar que esses homens eram todos brancos e pouco antes de iniciarem o ataque, eles recolheram todas as bolas com o nome da CUT e após o ataque desapareceram nos deixando no fogo cruzado dos facistas e da guarda do Congresso. Infiltrados? Bom ver as credenciais desse povo antes de iniciar outras Marchas. Ai começou a confusão, porque eu peguei o microfone e comecei a gritar: REAJA ou serão mortas. É claro que uma pessoa mais sensata e menos guiada por Ogunja, Dulce Cardoso, tomou o microfone da minha mão e começou a acalmar com sucesso as companheiras que, nesse momento, passaram a ser agredidas pelos facistas e pela guarda do Congresso. Em resumo, descabeladas, meio dispersas, Luísa Junior dirigindo o trânsito, que teimava em invadir nossa Marcha, chegamos vitoriosas ao Congresso. Missão cumprida.

Gostaria de registrar apenas duas decepções. A primeira delas: não fazer parte da comitiva que foi falar com Coração Valente. Imperdoável o não cumprimento da promessa, Regina Adami, esposa do emblemático militante Edson Cardoso. E aí vem a segunda decepção: lá de cima do caminhão eu comecei a ver militantes, nossos aliados, que foram a Brasília prestar seu apoio irrestrito à nossa luta, Hélio Santos, Edson Cardoso, este convalescendo de problemas de saúde, entre outros. Corri para a moça do LGBT que comandava as palavras de ordem da Marcha e pedi para anunciar os companheiros aliados e a mesma disse: “não pode anunciar homens na Marcha das Mulheres”. Pasmeei, acreditem. Desde a fundação do MNU combato esse equívoco dos grupos de mulheres de fazer a militância pelos nossos problemas em separado do grupo que, em grande parte, é responsável por grande parte dos mesmos. Discutir junto com os companheiros que são



aliados de nossa luta é fundamental, bem como aceitar sua participação e apoiá-los nas suas demandas também. Fora isso, parabênzo as organizadoras da Marcha, cujo êxito foi indiscutível. Não sei se estarei presente nas outras Marchas, mas desde já anuncio que não quero ser convidada *Honoris Causa*. Quero discutir, discordar, brigar, apoiar e como militante histórica, como vocês dizem, PARTICIPAR do processo.



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS EM BRASÍLIA

Neusa Vitória de Oliveira Marques¹

Para mim, a Marcha das mulheres negras foi muito importante, foi um marco em minha vida porque até então não esperava estar participando. Tive apoio da Themis para participar deste evento em Brasília, coisa que não poderia fazer com meus próprios recursos. Foi importante pelo aprendizado variado que tive com mulheres de todo o Brasil. Com elas compartilhei ideias, culturas e minha luta pelo conhecimento de nossos direitos e vê-los na prática.

Me senti importante em descobrir que a minha luta e da minha comunidade era a mesma de todas aquelas mulheres. Estávamos todas com garra e força, mulheres guerreiras no sol lutando em busca de seus direitos. Até então eu desconhecia que poderia estar me somando, que minha bandeira de luta pela não violência contra mulheres e meninas, luta por conhecimento de nossos direitos, luta por melhor educação, luta pela saúde da mulher negra e a **ter** seus direitos reservados, luta pela não discriminação e racismo institucional, todas estas questões vi em mim e eram as mesmas reivindicações de outras mulheres negras de outros Estados.

O contato com essas mulheres de diferentes regiões do Brasil fez-me sentir capacitada e empoderada a continuar a luta na minha comunidade, na qual existem muitas outras lutadoras que gostariam de estar na marcha, mas por falta de recurso e oportunidade ficaram em suas cidades, com a garantia de que estavam sendo representadas por mim Presidente da Associação de Mulheres Unidas pela Esperança – AMUE e outras guerreiras de outros estados, foi uma experiência incrível e vim muito motivada e orgulhosa por representar mulheres negras do Sul junto com outras.

¹ Líder Comunitária, Presidente da AMUE - Associação de Mulheres Unidas Pela Esperança (Porto Alegre/RS)



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS: UMA DAS EXPRESSÕES DA LUTA CONTRA O RACISMO, VIOLÊNCIA, DESIGUALDADE SOCIAL E DE GÊNERO NO BRASIL

Edna Maria de Araújo¹

Esse texto retrata a minha experiência pessoal na Marcha das Mulheres Negras ocorrida em Brasília no dia 18 de novembro de 2015.

Primeiro é preciso salientar que essa foi a minha primeira vez participando de uma marcha do movimento de mulheres. Essa marcha denominada: Contra o Racismo, violência e pelo Bem Viver teve um sabor especial para mim porque se tratou da primeira marcha das mulheres negras brasileiras.

A minha participação foi conspirada pelo Universo, já que no mês anterior eu fui convidada para fazer a palestra de abertura da conferência municipal de mulheres do meu município (Feira de Santana) cujo tema foi “Mais Direitos, Participação e Poder para as Mulheres” o que muito me estimulou a participar da marcha. Outro fator motivador decorreu do fato de eu estar membro do Comitê Técnico Estadual e Nacional de Saúde da População Negra e justamente no período da marcha eu ter sido convocada pelo Ministério da Saúde para participação em uma reunião extraordinária do Comitê Técnico Nacional de Saúde da População Negra (CTSPN), em Brasília. Por tudo isso, considero que estar em Brasília no dia 18 de novembro de 2016 foi uma conspiração maravilhosa da natureza, para mim.

No dia da marcha o céu estava azul, praticamente sem nenhuma nuvem que pudesse abrandar o seu brilho intenso, e o sol quase que chegava a queimar a pele. À princípio fiquei extasiada com a quantidade de mulheres participando da marcha, aliás eu já tinha tido a experiência de ver outras marchas pela televisão e logo constatei que o quantitativo de pessoas era muito superior ao que já tinha visto. Eu havia saído de uma reunião com uma das coordenações da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SGEP) do MS

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros.



em que discutimos a minha possível indicação para representar o CTSPN em um evento da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) a ser realizado em Washington DC/EUA nos Estados Unidos na primeira semana de dezembro de 2015. Por conta dessa reunião, eu acompanhei a marcha juntamente com um coordenador e uma técnica da SGEP com quem havia me reunido.

Eu realmente não sei precisar quantas pessoas havia na marcha, mas ouvi comentários de ser um contingente em torno de 50 mil. O trajeto da marcha foi de um lugar próximo ao Estádio Mané Garrincha à Praça dos Três Poderes. Durante todo o trajeto ouvi muitas falas que vinham de cima dos carros de som onde várias lideranças do movimento de mulheres negras e mulheres parlamentares fizeram uso da palavra denunciando ou cobrando das autoridades a instituição de medidas para diminuir a desigualdade social e a violência de gênero contra as mulheres negras. A grande maioria das participantes da marcha era mulheres negras da área urbana e rural, mas havia também mulheres indígenas e representantes das mais diversas entidades da sociedade civil organizada. Observei a presença de Nilma Lino Gomes, ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, que considerou a marcha como “motivo de orgulho para todos os brasileiros”. Dentre as mulheres parlamentares foram notórias as participações das deputadas Jandira Feghali e Benedita da Silva. A marcha contou com a presença da secretária especial de Políticas para as Mulheres do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, Eleonora Menicucci, da diretora da ONU Mulheres e ex-vice presidente da África do Sul, Phumzile Mlambo, e da consulesa da França em São Paulo, Alexandra Loras. Várias lideranças sindicais e universitárias se fizeram presentes e suas falas se referiram ao tema da marcha. Foi possível observar que a marcha das mulheres negras em todo o seu trajeto foi coberta por jornalistas de várias partes do país e de algumas partes do mundo, embora a repercussão do evento pela mídia brasileira foi aquém do esperado.

Em determinado momento a marcha, em sua trajetória ordeira e pacífica, foi sacudida por disparo de arma de fogo perpetrado por um indivíduo que estava em umas das várias barracas de camping e que fazia parte de um movimento pró impeachment da presidente Dilma. Este episódio causou pânico levando muitas pessoas a correr procurando abrigo para se protegerem. Entretanto, um grupo de mulheres enfrentou a situação e



impediu que houvesse maiores tumultos. O atirador foi interpelado pela polícia e a marcha prosseguiu sua trajetória.

No final da Marcha, o grupo foi recebido pela presidenta Dilma Rousseff que ouviu as reivindicações das mulheres negras. Para mim a participação nessa marcha foi de grande importância, pois pude conhecer mais de perto as demandas das mulheres negras, sua capacidade de organização e também pude dimensionar melhor a força que temos, principalmente quando estamos juntas e afinadas.



Poesias



Fotografia: Tânia Palma



ESCURO

Joádila Pinto França¹

Vaguei sobre teu espírito e vivenciei açoites.

Risos saem de ti, e lembrar-me de outrora.

Escuro Ser, por que te descobrir?

Por que és tão alto e moras aqui?

Habitas no escuro do Sol.

Conheço-te.

Mas nego.

Nego que és planície em meio às montanhas.

Tu és castelo de folhas alicerçado ao luar das senzalas.

Nego-te, mas velejo ferosamente em teu corpo.

Escuro.

És lírio de fogo.

Tua mão cobre-me de hematomas e há dilúvio.

Escuro ser, no avesso de nossas almas geme.

Por que te despes?

Não há silêncio...

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Libras/Língua Estrangeira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: joadylla_g3@hotmail.com



alento

conquistas toadas andamento

ritmo cadência

Marcha...

marchando...

marchamos...



POESIA PRA QUEM?

Lilian Soares da Silva¹

A poesia é um texto para quem,
para quem se dispuser a ler e para quem se interessar a ler.

A poesia é...
A poesia é uma memória, um relato, uma experiência.
uma memória de algo bom ou doloroso,
um relato de alguém,
uma experiência de uma situação.

A poesia é...
A poesia é uma contação de algo que ninguém escreveu ou apenas leu.
A poesia pode...
pode dizer, pode contar, pode narrar.

A poesia irá apresentar...
Apresentar as mulheres negras que nos fizeram nascer,
as mulheres negras que nos fizeram escolher,
as mulheres negras que nos deram o direito de dizer.

Elas foram as precursoras dos movimentos sociais negros e, nos impuseram prosseguir.
Prosseguir como uma meta a se dirigir.
Dirigir para evoluir.
Evoluir para se seguir.

¹ Pós-Graduanda em Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Graduação em Pedagogia, Gestão de Turismo e Guia de Turismo. Professora efetiva da Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo Email: liliansoares.sp@gmail.com



Essas mulheres são exemplos e modelos,
modelos de vivências e aparências,
exemplos de vida e de superação.

Essas mulheres não podem e não devem ser esquecidas,
elas devem ser reverenciadas e lembradas.

Essas mulheres devem ser uma constante em nossas vidas,
constante em cada instante,
constante em cada ação,
constante em cada palavra,
constante em cada ato ou situação.

Essas mulheres podem ser cada uma de nós,
cada uma de vocês,
basta entender e compreender,
que quem faz essa mulher é VOCÊ.



Fotografias



Fotografia: Tânia Palma



Fotografia: Tânia Palma



Fotografia: Murillo Pereira



Fotografia: Murillo Pereira



Murillo Pereira

Fotografia: Murillo Pereira



Caderno Sisterhood

NORMAS DE SUBMISSÃO

Os Cadernos Sisterhood é uma publicação vinculada ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Gênero, Raça e Saúde – NEGRAS, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, inscrito no CNPq, e que tem como objetivo divulgar, informar, orientar e permitir a reflexão sobre a situação de saúde de grupamentos e coletividades, considerando as dimensões raciais e de gênero, proporcionando ampliação do conhecimento para os diversos segmentos da sociedade.

Periodicidade

Semestral

Regras de submissão

Idioma: Os trabalhos submetidos devem ser redigidos em português. Os resumos e palavras-chave devem ser redigidos em português e em inglês ou espanhol.

Folha de rosto:

O Título: em português, centralizado, em negrito, Times New Roman, tamanho 14 e com espaçamento 1,5. O título em língua estrangeira (inglês ou espanhol) deve estar logo abaixo do título em português (fonte Times New Roman, tamanho 12). Em caso de financiamento da pesquisa, a instituição financiadora deverá ser mencionada em nota de rodapé.

Nome (s) do (s) autor (es): deve estar alinhado na margem esquerda abaixo do título (fonte Times New Roman, tamanho 12). Abaixo do nome especificar: titulação máxima, filiação institucional e endereço eletrônico.

Resumo e Palavras-Chave: O Resumo deve ter no máximo 250 palavras em um único parágrafo, sem recuo na primeira linha, com espaçamento simples e ser seguido de 3 a 6 descritores para fins de indexação do trabalho, as quais deverão ser separadas por um



ponto.

Resumo expandido: Deve conter de 300 a 500 palavras, apresentado de forma estruturada explicitando em negrito os itens objetivo, materiais e método, resultados e conclusões, com esses itens intitulados no início de cada sessão. Deve ser conciso e não conter citações, abreviaturas e símbolos. As referências devem ser citadas no resumo.

Texto:

Tamanho do Texto: Os artigos deverão ter entre 12 e 20 laudas, incluídos todos os seus elementos (imagens, notas, referências, tabelas etc.). Os relatos deverão ter entre 5 e 10 laudas, com todos os seus elementos incluídos (folha de rosto, imagens, notas, referências, tabelas etc.). As resenhas deverão ter no máximo 3 laudas. As entrevistas ficarão a critério da Comissão Editorial.

OBS. o formato para submissão deve ser (.doc) ou (.docx).

Fonte: Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5 entre linhas. Configurações das margens em 2,5 cm para direita, esquerda, superior e inferior em papel A4.

Citações: Devem estar de acordo com a ABNT (NBR10520/2002):

a) Citação Direta:

As citações diretas, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação. As citações diretas, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com fonte tamanho 10 e sem aspas. É obrigatório colocar o autor, o ano de publicação e página.

b) Citação Indireta:

É a transcrição livre do texto, isto é, usamos nossas próprias palavras para expor a ideia do autor. Podemos, ainda, se o trecho for muito longo, interpretar a ideia do autor e fazer uma síntese. Nesse tipo de citação, não se utiliza as aspas; mas o autor e o ano de publicação devem ser citados. Não é obrigatório colocar o número da página, mas se o fizer, deve repetir em todas as outras citações.



Notas de rodapé: devem ser ordenadas por algarismos arábicos que deverão ser sobrescritos no final do texto ao qual se refere cada nota.

Figuras: As Figuras devem estar com suas respectivas legendas. Serão aceitas no máximo 05 (cinco) figuras por artigo ou relatos. Deverão estar preferencialmente no formato JPG ou PNG e gravadas com qualidade suficiente para boa exibição na web, ficando a critério da equipe da revista o veto a imagens consideradas de baixa qualidade, ou cujo arquivo seja demasiado grande.

Tabelas: As Tabelas, incluindo título e notas, deverão estar inseridas no texto com as devidas legendas. As Tabelas deverão estar em Word ou Excel. Cada tabela não poderá exceder 17cm de largura x 22cm de comprimento. O comprimento da tabela não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé(s).

Referências: Serão apresentadas ao final do texto, em folha separada, seguindo as normas da ABNT (NBR6023/2002).

Garantias e direitos autorais

Ao submeter o manuscrito, os autores garantem que todo o trabalho é original e inédito; Todos os autores são responsáveis por todo o conteúdo do seu manuscrito. O (s) autor (es) deve (m) garantir que o trabalho não contém declarações e opiniões ilegais ou difamatórias e materiais susceptíveis de qualquer natureza, não transgridem todos os direitos autorais, direitos de propriedade intelectual ou direitos de qualquer tipo de outras pessoas, e não contém qualquer plágio, fraude, materiais indevidamente atribuídos, instruções, procedimentos, informações ou ideias que possam causar danos, prejuízos, perdas ou despesas de qualquer tipo à pessoa ou propriedade. Cada autor concorda em defender, indenizar e isentar de responsabilidade os editores por qualquer violação de tais garantias. É de responsabilidade dos autores obter permissões de direitos autorais escritas provenientes de outras fontes (editores) para a reprodução de quaisquer figuras, tabelas,



fotos, ilustrações, textos ou outros materiais de direitos autorais do trabalho publicado anteriormente. Para cumprir com a Lei de Direitos Autorais, o formulário de Transferência de Direitos Autorais do artigo para o editor deve ser preenchido pelos autores antes da publicação de um artigo aceito nesta revista. Os autores devem enviar uma cópia assinada do Contrato de Transferência de Direitos Autorais com seu manuscrito.